

a surgir contradições antes desconhecidas, entretanto, enquanto velhas contradições se aprofundam; no desenvolvimento dessas contradições, a estrutura econômica vai sendo moldada, como que a golpes de martelo.⁴⁸

O desenvolvimento do comércio exterior, agora com a acumulação interna avançando, começa a alterar o quadro apresentado pelo país. Superada a crise de 1874-75, a indústria acelera seu crescimento e luta pela proteção tarifária. A pauta liberal de 1881 encontra veemente oposição da Associação Industrial. Havia sido geradas, já, forças capazes de se organizar e de lutar pelos seus interesses, e esses interesses não eram mais unicamente os do latifúndio e do imperialismo. O Brasil não podia “continuar a ser *feitoria colonial*”, diriam os industriais.⁴⁹ Os contrastes eram gritantes, no entanto: estatísticas de 1882 revelavam que em seis das maiores províncias, as mais desenvolvidas, a relação entre a massa de trabalhadores e desocupados de 13 a 45 anos era arrasadora, existindo 1.434.170 trabalhadores livres, 650.540 escravos, 2.882.583 sem profissão definida.⁵⁰ Isso denunciava o excesso de oferta de força de trabalho, o peso da herança escravista e a estreiteza do mercado interno. Os primeiros tempos da República são de reformas, de rompimento, apesar de limitado, com os rumos antigos. Entre 13 de maio de 1888 e 15 de novembro de 1889, o capital das empresas organizadas no Brasil excedia de 400.000 contos de réis, igual ao capital de todas as que se haviam organizado antes da abolição do trabalho escravo. Pois entre 15 de novembro de 1889 e 20 de outubro de 1890, menos de um ano, o capital das empresas fundadas ascendia a 1.169.386. Grande parte pertencia à euforia ilusória do *encilhamento*, na verdade, mas o contraste, em si, era eloquente.⁵¹

As novas condições objetivas influíam agora no sentido de os partidários da mudança enfrentarem as idéias antigas,

mercado internacional — operava evidentemente como um fator compensatório da pressão deflacionária externa. Sem embargo, a redução da carga fiscal se fazia principalmente em benefício dos grupos sociais de rendas elevadas. Por outro lado, a cobertura dos *deficits* com emissões de papel-moeda criava uma pressão inflacionária, cujos efeitos imediatos se sentiam mais fortemente nas zonas urbanas. Dessa forma, a depressão externa (redução dos preços das exportações) transformava-se internamente em um processo inflacionário”. (Celso Furtado: *op. cit.*, p. 201).

⁴⁸ “Os interesses diretamente ligados à depreciação externa da moeda — grupos exportadores — terão, a partir dessa época, que enfrentar a resistência organizada de outros grupos. (...) Os nascentes grupos industriais, mais interessados em aumentar a capacidade produtiva do que em proteção adicional, também se sentem prejudicados com a depreciação cambial”. (Celso Furtado: *op. cit.*, p. 204).

⁴⁹ *O Industrial*, Rio, 11 de maio de 1882.

⁵⁰ Hermes Lima: *Idéias e Figuras*, Rio, 1957, p. 98.

⁵¹ Rui Barbosa: *Relatório do Ministério da Fazenda*, Rio, 1891, p. 102.